

Entrevista a Nuno Coelho concedida ao portal Sapo Cultura

Dezembro 2004

<http://cultura.sapo.pt>

<http://cultura.sapo.pt/noticias.asp?id=1390>

O nosso entrevistado chama-se Nuno Coelho e nasceu em 1976. É designer gráfico freelancer e colabora com vários ateliers. Complementa o seu dia-a-dia como Disc-Jockey (DJ) e é o organizador das festas «Compact Discothèque».

Licenciado em Design de Comunicação/ Arte Gráfica na Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto (FBAUP), Nuno Coelho frequenta actualmente um Mestrado em Design e Produção Gráfica da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Barcelona (Espanha), a decorrer no Porto, no Departamento de Ensino da Alquimia da Cor. Está a desenvolver uma tese sobre Design de Embalagens, com base no espólio gráfico da Saboaria e Perfumaria Confiança, em Braga. Falámos com ele acerca de Design Gráfico e de Música.

Sapocultura (SC) - Tens formação na área do Design Gráfico e actualmente frequentas um Mestrado originalmente sediado em Barcelona, mas leccionado no Porto...

Nuno Coelho (NC) – Sim, o curso funciona numa instituição chamada Alquimia da Cor, no Porto, que tem um protocolo com a escola espanhola, funcionando como uma extensão do curso fora de Espanha, neste caso, em Portugal. A inexistência de Mestrados de Design no nosso país, assim como o facto de não fazer parte dos meus planos continuar a minha formação no estrangeiro, foram os dois factores que me fizeram optar por esta solução.

SC - Estás a desenvolver uma tese com base na imagem gráfica da marca Confiança. Esta companhia é bastante antiga e actualmente faz edições muito pequenas de material. O que é que te atraiu neste universo de sabonetes e águas de colónia?

NC - A Confiança é uma das raras indústrias no nosso país que desde a sua fundação no séc. XIX teve sempre um particular cuidado na apresentação dos seus produtos. Ainda hoje continua a usar nas embalagens os mesmos motivos gráficos e alguns processos de impressão de há décadas atrás. Ao retirar os produtos do seu contexto habitual quotidiano, neste caso para os avaliar, pretendo questionar valores e conceitos da cultura material contemporânea demonstrando que o Design não está apenas nos objectos rotulados como tal. Para mim os sabonetes Confiança são exemplos de produtos não contaminados pela sociedade de consumo, quando nas prateleiras dos supermercados e devido ao progresso industrial assistimos a uma irreversível uniformização do universo material. Nesta perspectiva interessa-me avaliar que peso tem a sociedade capitalista no Design que hoje se faz.

SC - Na área do Design Gráfico, achas que em Portugal se seguem demasiado as tendências internacionais, como a japonesa, por exemplo, ou pensas que conseguimos ter uma identidade própria de criação?

NC - Hoje assiste-se a uma extrema homogeneização estética devido à massificação da edição de livros e revistas, assim como do uso da internet. Exactamente por isso as fronteiras das chamadas linguagens características de uma determinada zona (que poderá ser a japonesa, a holandesa, a inglesa, ou qualquer uma outra) estão cada vez mais diluídas. É muito difícil dizer se actualmente há uma linguagem própria portuguesa. Infelizmente, e de uma maneira geral, penso que há um excesso de preocupação pela imagem e pela estética dos trabalhos, copiam-se muito bem as correntes ditadas por alguém do outro lado do planeta e deixa-se pelo caminho métodos de trabalho e conceitos. Vejo muita gente preocupada com resultados e não com processos. Por todas estas razões, boas ou más, faz-se em Portugal trabalhos ao nível de outros pontos do mundo. A solução para uma identidade própria passa por saber distinguir entre o que é influência e o que é inspiração.

SC - Dentro da área do Design manténs um trabalho multifacetado. Tanto elaboras flyers, sites ou ilustrações, como desenvolves diversos trabalhos de montagem de exposições, criações de fanzines e movimentas-te com facilidade em quase todas as áreas do Design Gráfico. A que se deve esta versatilidade? Puro gosto, necessidade, exigência profissional?

NC - Puro gosto, necessidade e exigência profissional. É muito importante conseguir dar resposta a um variado leque de propostas e como experiência profissional operar em diferentes vertentes do Design Gráfico é extremamente enriquecedor.

SC - Fizeste a imagem de alguns eventos, empresas, instituições. Houve algum trabalho em particular ao longo do teu percurso com o qual tenhas sentido bastante satisfeito com o resultado final?

NC - Não consigo enumerar um bom trabalho final sem pensar no processo que o conduziu até aquela forma. O bom (ou menos bom) resultado de um trabalho depende do grau de confiança que existe entre o designer e o cliente, e o maior problema que ainda tenho de enfrentar é a falta

de profissionalismo de alguns clientes. Sem dúvida, esse facto influencia em muito todo o processo de criação. De uma maneira geral sinto-me satisfeito com o resultado final dos trabalhos realizados para pessoas mais próximas, pois não precisei de lhes explicar o meu trabalho para ele ser compreendido. Além disso há muito mais respeito por aquilo que faço.

SC - Por vezes, são-te apresentados trabalhos onde já existe uma ideia pré-concebida pelo cliente da imagem pretendida. Por outro lado, também existem propostas onde tens carta branca na criação. Em ambos os casos, trabalhas de alguma maneira especial? Vês muitas revistas, passas muitas horas a criar em frente ao computador ou fazes tudo muito intuitivamente?

NC - Gosto quando à partida há algumas limitações impostas pois isso obriga a reflectir melhor no processo. Regra geral faço tudo muito intuitivamente. A pesquisa é também uma parte fundamental do meu processo criativo e é nele que gasto grande parte do meu tempo. Por isso mesmo tento sempre encontrar mais do que uma solução para o mesmo trabalho. Evito ter de recorrer a revistas, é sinal que a inspiração anda por baixo.

SC - Foste várias vezes seleccionado para a Mostra de Jovens Criadores (em 2000, 2001 e 2003), organizada pelo Clube Português de Artes e Ideias. Cada ano, a Mostra realiza-se numa cidade diferente, o que proporciona diversos tipos de público. Até que ponto é que estas iniciativas são importantes para a tua carreira enquanto designer?

NC - Iniciativas como a Mostra Jovens Criadores ajudaram a divulgar o meu trabalho. Ter sido seleccionado foi também um importante incentivo profissional para além de ter aberto condições para a criação de novos contactos.

SC - Este ano, foste ainda seleccionado dentro da Mostra para representares Portugal, na área do Design Gráfico na Bienal de Jovens Criadores da CPLP, com o conjunto dos flyers que concebeste para a série de festas onde actuas como Disc-Jockey. Quanto à tua faceta de DJ falaremos adiante, por agora pedia-te que definisses o trabalho dos flyers com o qual foste seleccionado da Mostra.

NC - Como designer recorri ao mundo das artes gráficas para ilustrar os flyers da "Compact Discothèque". O imaginário usado é comum ao quotidiano de todos nós, mas nos flyers ele surge associado ao nome e à temática das noites. No fundo são pequenas banalidades que ganham valor plástico quando transpostas para um flyer. A maioria dos flyers não era graficamente apelativa, mas para mim o mais importante era a interacção provocada entre eles e as pessoas. É muito gratificante quando vejo alguém sorrir quando vê um flyer meu, pois é deliberada a introdução de humor em todos eles.

SC - Como é que defines o teu trabalho gráfico? Ou melhor, há alguma característica que o torna, digamos que, pessoal ou imediatamente reconhecido como "um trabalho de Nuno Coelho"?

NC - Tudo o que disse na resposta anterior poderá ser transcrito nesta. Nos meus trabalhos a forma procura ser resultado do conteúdo, e não ao contrário. Há uma frase conhecida mesmo em género de manifesto que ilustra exactamente o que penso do Design: "Diz SIM ao divertimento e à função & NÃO às imagens e cores sedutoras!"

SC - Na área do Design Gráfico, quais são as tuas referências e gostos? Quem são os criadores a quem recorres quando queres "reavivar" a tua criatividade?

NC - Muita da minha inspiração vem de diversos factores que bem podem ser o trabalho de outros designers, mas também um filme, um livro, uma exposição ou uma viagem. Não dispenso uma boa conversa sobre questões sociais ou política internacional. Tudo isto provoca em mim a vontade de realizar um imaginário menos gratuito e a obrigação de que tudo o que realizo tenha sentido e valor. Acredito que para seres um bom designer tens de ser acima de tudo um bom indivíduo. Um designer que seja um indivíduo socialmente consciente é, regra geral, um bom designer. Não concordo com a ideia de passar horas a ver livros e a navegar pela internet à procura daquela forma para "reavivar a criatividade", que é uma maneira simpática de dizer "plagiar"

SC - Como complemento ainda reservas algum tempo para te dedicares à actividade de Disc-Jockey, organizando as festas mensais "Compact Discothèque". Desde 1995 que trabalhas nesta área, onde inclusive elaboras complementos sonoros para passagens de modelos de criadores portugueses, como Osvaldo Martins. Quando é que descobriste o teu gosto pela música de dança e porque é que te dedicaste às "Compact Discothèque"?

NC - Desde pequeno que sempre gostei muito de música. O processo de me tornar DJ foi muito natural, coincidiu com a minha chegada ao Porto para estudar nas Belas Artes. Aos 18, e porque a mesada não era muita, comecei a trabalhar no bar do Meia Cave aos fins-de-semana. Nas horas mortas pedia ao DJ de então para tocar algumas músicas. Não passou muito tempo para ter uma noite inteira só para mim. Isto já se passou há 10 anos. Desde então sinto que evoluí bastante como DJ e sempre foi uma actividade perfeitamente conciliável com a de designer. Neste últimos dois anos passei a organizar mensalmente as noites "Compact Discothèque" no Triplex, nome que já me acompanhava desde o Meia Cave. No Triplex as noites ganharam uma nova dimensão pois pude ter um maior controlo sobre a sua produção: sou responsável pela concepção dos flyers e posters, sua produção e distribuição, assim como pela escolha musical. É todo um trabalho que, embora suportado por mim, felizmente tem o seu retorno e reconhecimento.

SC - Repetimos agora a mesma pergunta que te fizemos na área do Design: quais são as tuas referências e gostos na área do Disc-Jockey? Quais são aqueles CD's que obrigatoriamente passas nas tuas festas ou escutas diariamente?

NC - Coincidência ou não, a grande maioria da música que escuto e/ou que passo nas minhas festas vem da Alemanha. Gosto muito de editoras como Morr Music, Karaoke Kalk, Scape, Kompakt, Bpitch Control. Há também muitas edições nestas editoras que não suporto, não gosto quando a música se torna demasiado clínica e matemática. Para mim a condição essencial é a música ser melodiosa e envolvente, não importa o género ou de que parte do mundo ela vem.

SC - Estás actualmente com algum projecto sobre o qual queiras "levantar um pouco a ponta do véu"?

NC - Em Janeiro de 2005 inicio a minha actividade como freelancer a tempo inteiro, após ter deixado o emprego, embora em part-time, que mantinha há alguns anos num atelier de Design. Este é o meu "projecto" actual. Com esta liberdade espero conseguir diversificar a minha área de intervenção, não só no nosso país. Há muita coisa alinhavada, nada em concreto.

SC - Para terminar, um pequeno questionário rápido:

Qual é a tua maior fonte de inspiração?

NC - A vida quotidiana, caminhar pela rua, as pessoas amigas, as viagens.

SC - Designer preferido?

NC - Arriscaria dizer Daniel Eatock pois é o primeiro nome que me vem à cabeça. Português, ou pelo menos radicado em Portugal: Andrew Howard.

SC - Álbum favorito?

NC - De sempre: "Protection" dos Massive Attack. Recente: "Blue Skied an' Clear" uma colectânea da Morr Music. Português: "No Waves" dos Micro Áudio Waves.

SC - Para quem gostarias de fazer um trabalho de imagem gráfica?

NC - Gostaria brevemente de poder realizar trabalho "pro bono" para instituições sem fins lucrativos e organizações não governamentais. Nenhuma em particular.

SC - Com quem gostarias de partilhar um DJ set musical?

NC - Com amigos/as com bom gosto musical que aceitassem o desafio e que, acima de tudo, não fossem DJ's, exactamente por não terem vícios da profissão.

SC - Algum voto especial para este novo ano?

NC - Palestina independente, Turquia na UE, EUA fora do Iraque, Ucrânia democrática.

O trabalho de Nuno Coelho está disponível online em: www.nunocoelho.net